

Observações sobre Arte – Escultura – Espaço*¹

15

Martin Heidegger

Artefilosofia, Ouro Preto, n.5, p. 15-22, jul.2008

Honrados Senhores Presentes!
Estimado Senhor Heiliger!

Com a exposição de sua obra e com as considerações que se seguem, gostaria também de tornar perceptível, aqui em St. Gallen, algo do trabalho da academia de artes em Berlim.²

Busque-se, nesse momento que nos é oferecido, dizer algo acerca da pergunta pela Arte (Arte e Espaço). Perguntas permanecem sugestões; pensamentos para a reflexão, ímpeto, ou seja, estímulo e espanto para uma possível conversa [*Gespräch*].

Provavelmente nunca, em tempo algum, falou-se e escreveu-se tantas e tão confusas coisas sobre a arte, tão incomprovadas no uso da palavra, como hoje em dia.

Esses fatos devem ter suas razões. Descobrimos *uma* delas tão logo consideramos que na época da arte grega não havia nada parecido com uma literatura *sobre* a Arte. As obras de Homero e Píndaro, de Arquíloco e Sófocles, a arquitetura e a pintura dos grandes mestres *falavam por si mesmas* [*sprachen selber*]. Elas falavam, ou seja, mostravam [*zeigen*] a qual lugar o homem pertence [*wohin der Mensch gehöre*], elas deixavam perceber, de onde o homem recebe sua determinação [*Bestimmung*].³ Suas obras não eram expressão de subsistentes estados e muito menos a descrição de vivências da alma. As obras falavam como o eco manifesto *do* chamado [*die Stimme*]⁴ que determinava [*bestimmte*] a totalidade do ser-aí [*Dasein*] deste povo admirável. Aquele chamado afinava [*stimmte*] o homem grego naquela tonalidade afetiva [*Stimmung*], designada na palavra αἰδώς, a qual imprecisamente traduzimos como o pudor [*Scheu*] diante daquilo que propriamente é. A arte do escultor, por exemplo, não necessitava de nenhuma galeria ou exposição, mesmo a arte dos romanos não precisava de nenhuma documenta.

Apenas quando a grande era dos poetas, escultores e pensadores gregos aproximou-se do seu fim, Aristóteles pronunciou uma sentença sobre a arte que, desde então, foi esquecida ou ao menos nunca foi suficientemente examinada. Essa sentença será rapidamente comentada mais adiante, no final desse discurso.

Porém, alguém se apressará a indicar que as artes plásticas, sobretudo a escultura, preparam-se para novamente encontrar o seu lugar. Pois elas adentram em uma nova relação com a paisagem industrial,

¹ Traduzido do alemão: HEIDEGGER, M. *Bemerkungen zu Kunst – Plastik – Raum*. St. Gallen: Erker, 1996. O texto em questão é uma palestra proferida por Heidegger em 3 de outubro de 1964 por ocasião da abertura de uma exposição das obras do escultor Benhard Heiliger na cidade de St. Gallen. Seguindo a edição original, a tradução traz algumas notas de Heidegger (indicadas como N. do A.) e de seu irmão, Hermann Heidegger, bem como dois anexos também do autor. As notas do tradutor são indicadas por N.do T.

² Nota do autor (doravante N. do A.): simples considerações.

³ N. do A.: “poder” (*Macht*) da arte – ἀλήθεια - ver conferência de Atenas. Nota de Hermann Heidegger: MARTIN HEIDEGGER, “A Origem da Arte e a Determinação do Pensar” (*Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denkens*). Conferência na academia de ciência e arte de Atenas, em 4 de abril de 1967. O texto apareceu pela primeira vez no escrito comemorativo do 65º aniversário de Walter Biemel:

ajustam-se à arquitetura e à edificação das cidades. A escultura torna-se co-determinante para o planejamento espacial [*Raumplanung*]. Isso certamente repousa no fato de que ela possui uma relação distinta com o espaço, de que ela, em certa medida, compreende-se como uma confrontação [*Auseinandersetzung*] com o espaço.

O crescimento e a formação da *polis* grega em vista dos Deuses e a instalação e o planejamento espacial da sociedade industrial na era atômica são, sem dúvida, épocas do ser-aí ocidental fundamentalmente distintas e, no entanto, em essência intrinsecamente ligadas. Planejamento espacial, confrontação com o espaço e até a viagem ao redor do espaço mundial [*Welraumfahrt*] são fatos que já se nos tornaram óbvios.

Então: o que é o espaço? O que significa confrontação do artista com o espaço? Quem deve nos responder essa pergunta? Poder-se-ia insistir aqui que o artista seria o melhor instruído acerca desse assunto. *Ele consoma* [*vollzieht*] uma confrontação com o espaço. Certamente: porém, pode ele nessa consumação e por meio dela já saber o que acontece em uma tal confrontação? Pode o escultor como escultor, ou seja, através da escultura dizer o que é o espaço e o que significa confrontação com o espaço? Ele não pode. Esse não-poder não significa nenhuma fraqueza, e sim a força do artista. Por meio de uma obra plástica [*Bildwerk*], o escultor pode dizer de maneira tão escassa o que seja a arte plástica [*Bildkunst*], quanto o físico enquanto físico pode dizer o que seja a física por meio de suas experiências. Isso o que é a física não se deixa investigar a partir dos métodos [*Wege*] físicos e com os meios físicos. A física como ciência não é um possível objeto para um experimento físico.

Não se pode determinar e apresentar o que é a arte plástica, o que é a arte como tal, com a ajuda do cinzel e do martelo, por meio da cor e com o pincel, ou ainda por meio das obras produzidas com a ajuda desses instrumentos. A arte como tal não é um possível tema de um plasmar artístico⁵ [*kunstlerischen Bildens*].

Deparamo-nos aqui com um raro estado de coisas que, de vez em quando, mais ou menos nos inquieta, mas ainda não de modo suficientemente claro, decidido e duradouro.

Em certa medida, essa inquietude é reprimida e encoberta por meio da escrita [*Schiftstellerei*] sobre arte⁶. Em uma declaração, feita ouvir há pouco por um eminente conhecedor e escritor de arte, torna-se claro o quão difícil é pensar o referido estado de coisas. Ele escreve: “arte é aquilo que os artistas importantes fazem.” Bonito. Mas nós retrucamos: o que é um artista? Manifestamente aquele que satisfaz ao apelo da arte. O artista recebe sua determinação a partir daquilo que é arte. E o que é um artista *importante*? Não aquele que é mais comercializado e vendido, e sim aquele que satisfaz de modo mais puro ao apelo da arte. E o que é arte? Segundo a referida declaração, aquilo que os artistas importantes fazem.

Assim torna-se evidente: movemo-nos em círculo. A declaração introduzida sobre a arte revela-se como um dizer-nada [*nichtssagende*]. Pois ela nem diz algo sobre a arte e nem sobre o artista. Mas esse

“Existência e Proximidade”, Würzburg 1983, p. 11-22, e, posteriormente, em: Martin Heidegger, “Experiências do Pensar” (*Denkenerfahrungen*), Frankfurt a.M. 1983, p. 135-149. Aparecerá na terceira seção das obras completas de Heidegger, tomo 80.

movimento circular (da representação corrente) não é nenhum acaso. Em toda parte nos deparamos com ele. Por isso, seria muito precipitado ter como refutada a referida declaração sobre a arte por meio da indicação de que ela se move em círculo. Não se trata aqui de uma refutação, e sim de um conhecimento acerca de uma dificuldade essencial do pensar.

Quando dizemos: o espaço é aquilo com o que o escultor se confronta, então coloca-se imediatamente a seguinte questão: quem é o escultor? Resposta: um artista que, a sua maneira, confronta-se com o espaço.

Como sairemos desse círculo? Essa pergunta já falha *como pergunta*. Pois ela desconhece que nós de modo algum queremos nos retirar dessa cadeia de relações, aqui denominada de círculo [*Kreis*] e circuito [*Zirkel*]. Nós quem? Nós homens [*Menschen*]. Ou seja, esse círculo – no presente caso a determinação da arte a partir do artista e a determinação do artista a partir da arte – faz parte do nosso ser-humano⁷ [*Menshensein*].

Ao invés de empreendermos em vão sair desse círculo, devemos experienciar [*erfahren*] qual é o estado de coisas [*Sacheverhalt*] de que se trata quando nós, sempre novamente, adentramos nesse círculo. Essa experiência [*Erfahrung*] surge a nós certamente apenas por meio de uma consideração [*Besinnung*] paciente e complexa.

Para esse momento, entretanto, deve bastar uma indicação. Nós buscaremos segui-la tendo em vista a pergunta: *o que é o espaço?*

Encontramos a primeira discussão tematicamente conduzida [*ausgeführte*] dessa pergunta no livro IV das preleções aristotélicas sobre a Φύσις. Traduz-se essa palavra grega, de modo bem impreciso, por meio da palavra latina *natura*, natureza. Os gregos pensam os φύσει ὄντα, aquilo que se apresenta a partir da natureza [*das von Natur Anwesenden*], como aquilo que eclode [*aufgeht*] a partir de si mesmo e, assim, aparece. Isso que desse modo se apresenta é distinto daquilo que não deve sua presença a φύσις, mas vem à presença mediante o produzir [*Her-stellen*] humano. O conhecer-bem [*das Sichauskennen*] um tal produzir chama-se, em grego, τέχνη. Essa palavra é também o nome grego para a arte. Nossa palavra arte [*Kunst*] vem de conhecer [*Kennen*], conhecer bem uma coisa e sua produção. Τέχνη e arte não significam um fazer, e sim um modo de conhecimento. Este, por sua vez, tem para os gregos o traço fundamental do desocultar [*entbergen*], do apresentar desocultante daquilo que se presentifica [*des Vorliegenden*]. Aquilo que se apresenta mostrando-se a partir de si mesmo são os corpos (σώματα) animados e inanimados. Aquilo que, de modo bastante impreciso, denominamos de espaço é representado a partir da perspectiva dos corpos [*Körper*] que se apresentam.

O fato de Aristóteles discutir a questão do espaço em sua “Física” é algo que tornou-se e permanece decisivo para a representação do espaço no pensamento e no imaginário ocidental.

Aristóteles denomina com duas palavras distintas aquilo que para nós significa “espaço”: τόπος e χώρα. τόπος é o espaço que um corpo ocupa imediatamente. Esse espaço ocupado pelo corpo

⁷ Nota do tradutor (doravante N.do T.): O jogo de palavras utilizado por Heidegger é muito difícil de reproduzir em português. Ele se utiliza das palavras *Stimme*, voz, chamado, *Stimmung*, atmosfera, disposição, sentimento, afinação (utilizo para traduzir *Stimmung* a solução de Benedito Nunes: “tonalidade afetiva”). E dos verbos *stimmen*, afinar, concordar, estar certo, conformar e *be-stimmen*, determinar, definir, fixar.

é formado *sobretudo pelo* [erst durch] corpo (σῶμα). Esse espaço possui os mesmos limites que o corpo. Aqui devemos observar: para os gregos, o limite não é aquilo com o qual algo acaba e termina, e sim aquilo a partir do qual algo *começa*, mediante o qual algo possui sua completude. O espaço, τόπος, ocupado por um corpo, é um lugar [Ort].

Diferentemente de τόπος, χώρα significa o espaço na medida em que pode receber [aufnehmen] (δέχεσθαι) e abarcar [umfängen], guardar [behalten] (περιέχειν) um tal lugar. Com isso, χώρα é um δεκτικόν e περιέχον.

No sentido grego, o espaço é visto a partir do *corpo* como seu lugar [Ort] e guarida [Ortbehalt]. Todavia, cada corpo possui *seu* – próprio –, a *ele* conforme lugar. Os corpos leves estão em cima e movem-se para cima; os pesados estão em baixo e movem-se para baixo. O espaço possui lugares e διαστήματα, disposições [Auseinanderstände] (o que não é igual a: *extensio*) distintas.

Mais tarde – na física moderna desde Galileu e Newton – o espaço perde a distinção de possuir em si possíveis lugares e direções. Ele torna-se extensão [Ausdehnung] tridimensional e *uniforme* para o movimento de partículas [Massenpunkten], as quais não possuem *nenhum* lugar *distinto*, podendo estar em *toda* e qualquer posição do espaço.

Kant concebe esse espaço, sempre ainda visto a partir do corpo físico, como o modo pelo qual o homem – sendo sujeito para si mesmo – representa de antemão os objetos que o afetam sensivelmente [die ihn affizierenden Gegenständen]. O espaço torna-se uma forma pura da intuição que precede toda representação dos objetos sensivelmente dados. O espaço não existe em si; ele é uma forma *subjéctiva* da intuição da subjetividade humana.

Apesar de toda diferença entre o modo de pensar do pensamento grego e do moderno, o espaço é representado de modo *igual* a partir do *corpo*. Espaço é a extensão tridimensional, *extensio*. Nele os corpos e seus movimentos possuem sua via [Bahn], seu estádio [Stadion], seus trechos [Strecken] e intervalos [Spannen] percorríveis, nos quais eles podem como que passear [herumspazieren].

A palavra grega στάδιον, o passear [das Spazieren], o intervalo [die Spanne] são as mesmas palavras para o latin *spatium*. A *extensio*, a extensão, dá a possibilidade para o *spatium*. Ou devemos dizer ainda que com *spatium* e *extensio* seria apenas representada a mensurabilidade calculável de χώρα e τόπος; que então seria desprezada a experiência imediata do espaço e apenas pensado aquilo que nele é calculável, que o espaço seria identificado com sua calculabilidade?

Segundo a representação habitual, o homem *também* fica e vai como um *corpo* em repouso ou em movimento com seu volume no espaço. Esse corpo tem uma alma, na qual as vivências internas transcorrem [ablaufen] como um fluxo de vivências [Erlebnisstrom].

Mas o que é o espaço ele-mesmo – naquilo que lhe é próprio? O que dá ao espaço a possibilidade de ser algo que recebe, abarca e guarda? Em que se apóia aquilo que Aristóteles determina como

χώρα e τόπος, a modernidade como *extensio* e *spatium* e a física moderna como campo de força [*Kraftfeld*]?

O que é o espaço como espaço – pensado sem remissão ao corpo? A resposta a essa pergunta é simples. Mas, exatamente por isso, aquilo que ela diz é difícil de ver, mais difícil ainda de manter e de pensar em sua amplitude. Pois a representação habitual tem algo apenas como aclarado [*geklärt*] quando ele é esclarecido [*erklärt*], ou seja, remetido a algo outro, no caso presente o espaço relacionado ao corpo da física. Em contrapartida, no pensamento que se orienta pelas coisas [*im sachgerechten Denken*], uma coisa apenas é experienciada *naquilo que lhe é próprio* quando renunciamos à explicação e deixamos de lado a remissão a algo outro. Em lugar disso, trata-se de vislumbrar a coisa puramente a partir de si mesma, tal qual ela se mostra.

O que então é o espaço como espaço? Resposta: o espaço espaçoA [*der Raum räumt*]⁹. Espaçar significa *desbravar* [*roden*], *libertar* [*freimachen*], liberar um âmbito livre [*Freie*]¹⁰, um aberto [*Offenes*]. Na medida em que o espaço espaça, libera um âmbito livre, ele concede, apenas com esse âmbito livre, a possibilidade de regiões de encontro [*Gegende*]¹¹, de pertos e longes, de direções e limites, a possibilidade de distâncias e grandezas.

Se atentarmos para isso que é mais próprio do espaço, o fato de que ele espaça, então finalmente estaremos em condição de ver um estado de coisas que permanecia fechado ao pensamento que houve até agora.

Trata-se de ver como o *homem* é no espaço. O homem não é no espaço como um corpo [*Körper*]. O homem é no espaço, de modo que ele instala [*einräumen*] o espaço, sempre já instalou espaço. Não por acaso nossa língua fala em ceder espaço [*von einem Einräumen*] quando alguém admite algo, permite um argumento. O homem permite o espaço como espaçante [*Räumende*], libertador [*Freigebende*] e arranja a si mesmo e às coisas nesse âmbito livre. O homem não possui corpo algum e não é nenhum corpo [*Körper*], mas vive seu corpo-próprio [*Leib*]¹². O homem vive [*lebt*] enquanto corporifica [*leibt*] e assim está imiscuído [*eingelassen*] no aberto do espaço e, por meio desse imiscuir-se, já detém-se em relação aos outros homens e às coisas.

O homem não é limitado por meio da superfície de seu suposto corpo [*Körper*]. Quando estou aqui, então apenas estou aqui, como homem, quando simultaneamente já estou lá, junto à janela, ou seja, lá fora na rua e nessa cidade, abreviando: quando estou em um mundo. Se vou até a porta, então não transporto meu corpo até a porta, e sim mudo minha estadia [*Aufenthalt*] (“corporificar”), o sempre existente perto e longe das coisas; transforma-se o vasto e estreito nos quais elas aparecem.

Hoje em dia ainda não foi suficientemente visualizado o instalar do espaço que distingue o homem, o imiscuir-se neste, o ser-no-mundo. Assim o existencialismo, tanto o ateu de Sartre como o cristão, descompreendeu totalmente o fenômeno de ser-no-mundo.

⁸ N. do A. Mas o poeitar –[é] do poeta [*Aber Dichtung – des Dichters*].

⁹ N. do A. A fuga para o óbvio. [*Der Ausweg ins Selbstverständlichen*].

⁷ O hífen é nosso. Ver o anexo A do autor.

⁹ N. do T. O verbo *räumen* significa evacuar, desentulhar, tirar algo de um lugar, livrar. Porém, como a língua alemã permite verbalizar substantivos e substantivar os verbos, parece-me aqui que Heidegger forja o verbo *räumen*, a partir do substantivo *Raum* (espaço), que traduzo por espaçar. Assim também, em outros escritos, ele faz o mesmo com as palavras coisa (*Ding*) “*das Ding ding*” e mundo (*Welt*) “*die Welt weltet*”. Essas constantes aparentes tautologias nos escritos de Heidegger fazem parte da sua tentativa de mostrar as coisas a partir delas mesmas, no caso aqui, o espaço a partir de si mesmo, sem referência aos corpos. (Ver anexo A).

¹⁰ N. do T. O substantivo *Freie* significa “lá fora, ao ar livre”, “no descampado”. A solução aqui empregada, “âmbito livre” é de Ernildo Stein.

Pensa-se que esse título quer dizer: o homem estaria no mundo como a cadeira na sala e a água no copo.

É exatamente assim que ele não se comporta. Uma cabeça não é nenhum corpo composto por orelhas e olhos, e sim fenômeno corporificante [*Leibphänomen*] cunhado pelo ser-no-mundo que vê e escuta. Quando o artista modela uma cabeça, parece que ele copia apenas a superfície visível; na verdade ele plasma o que é propriamente invisível, a saber, o modo como essa cabeça olha no mundo, como ela detém-se no aberto do espaço no qual ela é solicitada pelos homens e pelas coisas.

O artista traz o invisível essencial para a configuração e, se ele corresponde à essência da arte, deixa ver, a cada vez, o que nunca foi visto até então.

De volta ao espaço. O espaço é espaço, na medida em que espaça (desbrava), libera um âmbito livre para regiões de encontro e lugares e caminhos. Mas o espaço apenas espaça *na medida em que* o homem instala o espaço, doa esse liberar e nele imiscui-se, nele arranja a si e às coisas e assim protege [*hütet*] o espaço como espaço. Dizemos de um homem, quando possui uma relação livre e serenoalegre¹³ para com o mundo, que ele teria conquistado seu espaço [*er sei aufgeräumt*]¹⁴. Um corpo jamais pode conquistar seu espaço, não é próprio dele o âmbito livre do que é serenoalegre. O homem não *faz* o espaço; o espaço *também não é nenhum* modo *subjetivo* da intuição; ele também não é nada objetivo como um objeto. O espaço precisa, antes, do homem para espaçar como *espaço*. Essa relação misteriosa, que não apenas toca a vinculação do homem com o espaço e com o tempo, mas a vinculação “do Ser com” o homem (acontecimento apropriativo)¹⁵, essa relação é o que se esconde atrás do que nós, apressada e superficialmente, representamos como o mencionado movimento circular ou em círculo quando precisamos determinar a arte a partir do artista e o artista a partir da arte.

Enquanto vagarmos – como que cegos – nesse círculo, não poderemos dizer o que é a arte.

Eu observei que Aristóteles diz algo sobre isso. O que ele diz não é, felizmente, nenhuma definição, e sim um aceno [*Wink*] para o pensar.

Aristóteles caracteriza a arte através da palavra grega ποιήσις; segundo o dicionário isso significa “a feitura – o fazer – o confeccionar”. Entretanto, julgando assim, não pensamos de modo grego; ποιήσις significa *her-vor-bringen*¹⁶: trazer [*bringen*] diante de [*vor*] no desoculto [*ins Unverborgene*] e a partir [*her*] do oculto [*aus dem Verborgenen*], isso de modo que o oculto e o ocultar não sejam eliminados, e sim mantidos. De ποιήσις vem nossa palavra poesia [*Poesie*], composição poética [*Dichtung*]. Toda arte é, cada uma a sua maneira, composição poética.

E o que diz Aristóteles sobre a ποιήσις no 9º capítulo de sua “Poética”¹⁷? Ele diz καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποιήσις ἱστορίας ἐστίν¹⁸, “a arte, a composição poética, é mais filosófica e mais rigorosa em comparação com a história”.

¹¹ N. do T. A palavra *Gegend*, que significa região, bairro, entorno etc. deriva de *gegen*, originário do latim “contra”. Esta última deriva do sufixo latino *taz*, que irá resultar, dentre outros, na palavra *tractus*: puxar, arrastar, demarcar através de um traço, de onde derivam as palavras portuguesas: trecho, contrato, encontro etc. De “contra” também derivam a palavra inglesa *country* e a francesa *contrée*, ambas mantendo o duplo significado de região e de vir-a-o-encontro. No texto “A arte e o espaço” (*Die Kunst und der Raum*. St. Gallen: Erker, 1969), Heidegger aproxima esta palavra da expressão do dialeto alemânico, *Gegende*, visando enfatizar o sentido verbal da palavra como aquilo que vem ao encontro e que reúne. É por isso que, na tradução francesa de Jean Beaufret e François Fédier de “A arte e o espaço”, *Gegend* é traduzido por *contrée*, o que permite fazer analogias com as palavras *encontrée* e *encontre*. Na falta de uma palavra em português que expressasse o duplo significado do termo alemão, resolvi traduzir *Gegend* por “região de encontro”. Ver um comentário sobre esse termo no artigo de Ute Guzzoni, também publicado nessa revista.

Mas o que significa “mais filosófica?” Filosófico é aquele deixar-ver [*Sehenlassen*] que traz ao olhar o essencial das coisas.

ιστορίας significa em grego instruir-se, por exemplo, da situação e dos costumes de diferentes povos; ιστορίας também significa a averiguação de fatos para um procedimento jurídico.

A ιστορίας trata de cada fato particular.

O filosófico torna visível o essencial.

Também podemos interpretar a frase de Aristóteles da seguinte maneira, dizendo: a arte é mais filosófica que a ciência.

Uma frase que dá o que pensar em nosso tempo, no qual a fé na ciência, sejam as ciências da natureza ou a cibernética, começa a configurar-se como a nova religião.

Mais filosófica que a ciência e mais rigorosa, ou seja, mais próxima da essência da coisa – é a arte.

Anexos do autor

A.

1. O espaço espaça. Segundo a lógica habitual, essa frase apenas diz: o espaço é espaço. Uma tal frase diz duas vezes a mesma coisa. Ela marca passo: a frase é uma tautologia. Ela não leva adiante. Frases desse tipo são, para a representação habitual, algo que nada diz e, portanto, que deve ser recusado.

Com o apelo à lógica, colocamo-nos na instância mais alta do pensar. Mas o evidente e, com isso, corriqueiro apelo à lógica tem algo de capcioso. Ela fixa o pensamento em uma forma, na qual ele se expressa. Através dessa fixação, a lógica justamente nos impede de nos imiscuirmos naquilo que o pensar pensa. Nesse caso: de percebermos de onde o pensamento interroga e recebe aquilo que ele deve pensar: o espaçante do espaço.

Onde se mostra a nós esse espaçante do espaço? Onde encontramos o que é próprio do espaço? Isso nós encontramos a partir do espaço mesmo; da nossa busca por, da nossa relação com o espaço ele mesmo. Assim, relação homem e espaço. O homem – espaço. A representação habitual do espaço e sua relação com o corpo [*Körper*]. Ou seja: espaço e homem como corpos. Homem? Espaço. Já caiu fora da busca pela pergunta. Espaçar do espaço.

O homem no espaço, no espaçar; o homem como um tal espaçante (espacial como mais *nenhum* outro ente). O homem espaçante no espaço e, assim, conforme o espaço.

2. O espaço espaça. O espaçar como desbravar, desbravar como iluminar [*lichten*]; iluminar, libertar, doar liberdade [*freigeben*].

E a espacialidade [Raumlichkeit] do homem. O espaçar = espaço apenas a partir da insistência na clareira [*nur aus der Inständigkeit in der Lichtung*], ekstático.

Clareira e acontecimento-apropriativo [*Ereignis*].

¹² N. do T. Em alemão existem duas palavras para designar “corpo”: 1) *Körper*, que significa corpo no sentido genérico, tanto animado como inanimado, ou seja, os corpos da física; e 2) *Leib*, o corpo vivo, humano ou animal. No texto, Heidegger também aproxima *Leib* (corpo) e *leiben* (corporificar) de *Leben* (vida) e *leben* (viver).

¹³ N. do T.: Parodiando J. Guinsburg que, na sua tradução do *Nascimento da Tragédia* de Nietzsche (São Paulo: Companhia das Letras, 1992), traduz a palavra *Heiterkeit* por “serenojovialidade”, traduzo-a aqui por “serenoalegria”, a fim de expressar o sentimento de serenidade e alegria que o termo possui e também com o objetivo de diferenciá-la da palavra *Gelassenheit*, conceito fundamental do Heidegger tardio, normalmente traduzida por “serenidade”.

¹⁴ N. do T.: O verbo *aufäumen* é composto do prefixo *auf* (sobre, em, etc.) e do substantivo *Raum*, espaço. Significando arrumar, colocar em ordem, colocar as coisas em seu devido lugar.

B.

ποίησις - ἱστορία.

Ver Aristóteles, Poética, c.9, 1451 b 6:

ἱστορικός ε ποιητής

... ἀλλὰ τοῦτο διαφέρει τῷ τὸν μὲν, τὰ γενόμενα λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν γένοιτο. διὸ κα φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποίησις ἱστορίας ἐστίν. ἡ μὲν γὰρ ποίησις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἡ δὲ ἱστορία τὰ καθ᾽ἑκάστου λέγει.

Tradução. Alexandre de Oliveira Ferreira
Revisão. Marcel Albierto da Silva Santos

A expressão “*aufgeräumt sein*”, significa estar de bem com a vida, estar sereno, feliz da vida etc. Tentei manter o significado da expressão, sem perder a referência à palavra “espaço”.

¹⁵ Traduzo a palavra *Ereignis*, como faz Ernildo Stein, por acontecimento-apropriativo. Esse é um dos conceitos fundamentais do pensamento tardio de Heidegger. *Ereignis* significa, em linguagem corrente, acontecimento. Porém, segundo Heidegger, ela deriva de *eigen*, próprio e de *Augen*, olhos, no sentido de apropriar com os olhos. O prefixo *er*, deriva de *ur*, no sentido de primitivo, originário. O filósofo visa com isso designar o acontecimento originário de mútua apropriação entre homem e ser.

¹⁶ N. do. T.: Costuma-se traduzir *her-vor-bringen* por produzir. Heidegger utiliza a etimologia da palavra para mostrar que esse produzir é antes um desocultar que corresponde à essência da verdade. Resolvi não traduzir a palavra, pois o texto que se segue a ela já traz sua “explicação”.

¹⁷ Ver anexo B.

¹⁸ N. do. A. ARISTÓTELES, *Über die Dichtkunst* [da arte poética]. Grego e alemão. Com notas explicativas do organizador Dr. Franz Susemihl. Segunda edição, Leipzig, 1874. capítulo 9, 1451 b sq.